

Racismo estrutural

Os negros são as maiores vítimas da violência no Brasil há bastante tempo. E a mudança desse cenário depende muito da reestruturação da lógica de trabalho das instituições

O racismo no Brasil não é à toa, afinal, fomos o último país do continente americano a abolir a escravidão. E o racismo no no país não se resume à dimensão individual, pois todos fomos socializados numa sociedade racista. O racismo é fundamentalmente estrutural. Passados 130 anos da abolição da escravidão, as marcas da sociedade escravocrata persistem entranhadas nas nossas instituições, leis, práticas e cultura.

Na área de segurança pública, esse racismo estrutural fica mais evidente. O funcionamento do Sistema de Justiça Criminal – aqui incluídos o Judiciário, o Ministério Público e as Polícias – evidencia toda gama de discriminação e preconceito contra os negros. Em qualquer dimensão que se analise, os negros são mais presos, condenados, assassinados do que quaisquer outros. Em boa medida, isso é reflexo da forma como está estruturada nossa segurança pública.

Apesar dos números absurdos de homicídios, ao longo das últimas foram raras as iniciativas para prevenir estas mortes. A bem da verdade, embora causem medo e consternação, os homicídios só recentemente entraram na agenda de políticas públicas. Na maior parte dos estados, diminuir as taxas de homicídios nunca foi prioridade das políticas de segurança. Isso acontece porque os homicídios são um problema fundamentalmente da população negra.

Em 2017, cerca de 75% das vítimas de homicídios eram pessoas negras. Enquanto a taxa de homicídios entre os cidadãos negros era 41,1 homicídios por 100 mil habitantes, a taxa dos não negros era 16. A chance de um jovem negro ser assassinado é 2,7 vezes maior do que a de um jovem branco, já descontado o efeito da idade, sexo, escolaridade, estado civil e bairro de residência.

A maior parte das pessoas mortas em confronto com as polícias são negras. Em 2017, 75,4% das pessoas mortas em intervenções policiais eram negras. Na grande maioria dos casos, as situações de confronto sequer foram investigadas. Isso acontece mesmo quando um jovem é claramente assassinado pela polícia. A regra é o silêncio das autoridades públicas e dos profissionais de mídia.

Na semana passada, o assassinato brutal de George Floyd por policiais de Minneapolis motivou protestos contra o racismo pelo mundo. No Brasil não foi diferente, e a repercussão do caso suscitou discursos indignados na mídia. Entretanto, a morte do menino João Pedro Mattos de 14 anos não teve tanta repercussão midiática. Ele foi morto pela polícia quando estava dentro de sua casa, em São Gonçalo, divertindo-se com amigos.

Isso acontece porque, para alguns, existem áreas em que as polícias podem matar e outras onde a ação da polícia é bastante controlada. É o caso do joalheiro Ivan Storel, morador de Alphaville. Ele disse o seguinte ao cabo Edson da Polícia Militar de São Paulo, que fora atender uma denúncia de violência doméstica: “Você pode ser macho na periferia, mas aqui você é um bosta. Aqui é Alphaville, mano!”

Entre os policiais, também é possível verificar este desequilíbrio. Apesar de representarem 34% do efetivo de policiais no Brasil, 51,7% dos policiais assassinados eram negros. A maioria dos policiais mortos são praças – sargentos, cabos e soldados. Esses policiais estão submetidos a condições precárias de trabalho. Não contam com equipamentos de proteção individual adequados, não possuem serviços de atendimento médico e psicológicos, e são enviados para cumprir tarefas para as quais não foram adequadamente treinados.

Entre as mulheres, as negras são vítimas mais frequentes de violências. Em 2017, 66% das mulheres vítimas de homicídio eram negras. Entre as mulheres vítimas de feminicídios, 61% eram negras. As mulheres negras apesar de serem as principais vítimas de assédios e estupros são as que menos procuram os órgãos oficiais para denunciar as violências. Os números não surpreendem quando sabemos que os principais órgãos destinados a prevenir violências contra mulheres não contam com sistemas adequados de recebimento de denúncias e acolhimento das vítimas. A maior parte das delegacias de atendimentos às mulheres, por exemplo, localiza-se longe dos bairros pobres onde estas mulheres negras residem.

O racismo estrutural não diminui com o passar do tempo. Ao contrário, ele se acentua. Os números do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostram como a violência contra os negros tem aumentado. Por exemplo, entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios das pessoas negras cresceu 33,1%, ao passo que os homicídios entre os não negros cresceu 3,3%.

Para mudar esse quadro são necessárias profundas reformas estruturais. Estas reformas não acontecerão com a introdução de novas tecnologias ou a modernização dos equipamentos de polícia. O quadro é muito mais complexo. Exige a reestruturação da lógica de funcionamento das instituições. Um bom passo seria manter o mesmo nível de indignação que assistimos no caso Floyd quando as mortes acontecerem nem lugares pobres como São Gonçalo, onde residia João Pedro.

<https://backup.forumseguranca.org.br/editorial/template-1-editorial-utgfh-8pvmm-inbv9-8tbin-a49xh-8p623-m7siq-gffj5-pbz9d-58ukz-pn3o6-vj75r-xdc2f-4ydkp-m2v-jvuuv-zrbme-g2zya>

